

## NOS BECOS DE GOIÁS: POESIA, DRAMAS E BONINAS PERFUMADAS

Olívia Aparecida Silva<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Tocantins

**Resumo** O presente estudo procura fazer uma leitura de poemas de Cora Coralina que têm como temática os becos da cidade de Goiás. Os becos são espaços geográficos em que sobressai uma paisagem humana e social. As imagens transitam em tempos distintos, alinhavados pela necessidade de reviver no presente um passado distante.

**Palavras-chave** poesia, cidade, Cora Coralina.

**Abstract** The present study tries to interpret Cora Coralina's poems, which bring as theme the side-streets of Goiás city. The side-streets are geographic spaces on what it is excelled a human and social portrait. The images move on specific times joined by the necessity of living presently a distant past.

**Keywords** poetry, city, Cora Coralina

A cidade sempre foi considerada elemento de importância na produção poética por vários autores no decorrer dos tempos. A Literatura procura evidenciar as tensões e as contradições existentes no espaço urbano. As cidades sendo organizadas por grupos sociais que representam interesses e necessidades de projetos econômicos e político-sociais de cada momento histórico. A literatura brasileira do século XIX e XX está repleta de imagens que mostram a cidade não como sinônimo de racionalidade, organização e equilíbrio, mas lugar onde se desenvolvem conflitos em decorrência das diferenças sociais.

O caminhar pelo espaço urbano da antiga capital de Goiás, observando criticamente sua paisagem humana e social, tendo o passado como referência para o presente, é a tematização privilegiada nos poemas constantes em *Poemas dos becos de Goiás e histórias mais*, da poetisa goiana, Cora Coralina.

Entre as trivialidades cotidianas, vão sendo recriadas cenas públicas e íntimas de uma mulher que, vivendo no outro lado da encosta da montanha<sup>2</sup>, muito tem a dizer, a lembrar. Seu olhar pousa sobre as coisas e os homens cheio de ternura e amoroso.

Segundo Bergson<sup>3</sup> é através das percepções imediatas que o passado vem à tona, pela memória. Assim, o contato com os becos, no presente, possibilita a poetisa revitalizar o passado pelo ato da escrita e, ao mesmo tempo, evidenciar aspectos do presente.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal do Tocantins, Doutora em Literatura Brasileira, pela Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> Cora Coralina, nome literário de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brettas, publicou seu primeiro livro, *Poemas dos becos de Goiás e histórias mais*, em 1965, aos 76 anos de idade.

<sup>3</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp.9-57.

Os becos da cidade de Goiás são mostrados como expressões nítidas da falta de um planejamento urbano que procurasse amenizar as desigualdades entre as classes sociais. Eles representam, quase sempre, um espaço escuro, propício ao instalar da miséria, dramas, prostituições, tensões de ordens diversas.

Na cidade de Goiás, há becos e becos, a diferença se faz na medida em que se transita por eles. Cora Coralina dedica o poema “Becos de Goiás” àqueles que são suspeitos e mal-afamados, discriminados pela gente de bem, pois lá é o lugar dos deserdados sociais.

*De gente de pote d'água  
De gente de pé no chão.  
Becos de mulher perdida  
Becos de mulheres da vida.  
Renegadas, confinadas  
na sombra triste do beco.  
Quarto de porta e janela.  
Prostituta anemiada,  
solitária, hélica, engalicada,  
tossindo, escarrando sangue  
na umidade suja do beco  
(...)  
Becos da minha terra...  
Becos de assombração.  
Românticos, pecaminosos...  
Têm poesia e têm drama.  
O drama da mulher da vida, antiga,  
humilhada, malsinada.  
Meretriz venérea,  
desprezada, mesentérica, exangue.  
Cabeça raspada a navalha,  
castigada a palmatória,  
capinando o largo,  
chorando. Golfando sangue.<sup>4</sup>*

Esse poema aponta de forma explícita a ruptura existente na esfera geográfica. O próprio significado da palavra beco indica estreitamento, estreitamento que se dá em duplicidade: referencialidade geográfica e social.

Ao caminhar pelos becos, mesmo não morando neles, ela se coloca próxima e cúmplice daqueles que lá vivem. Cora Coralina se põe em condição de equivalência com os marginalizados socialmente e, juntamente com eles, procura emergir das margens obscuras da história para serem sua matéria.

*Amo esses burros-de-lenha  
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,  
secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados,  
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,  
no range-range das cangalhas.*

*E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.  
Sem infância, sem idade.  
franzino, maltrapilho,  
pequeno para ser homem,  
forte para ser criança.  
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.  
Amo e canto com ternura  
todo o errado da minha terra.<sup>5</sup>*

---

<sup>4</sup> CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989 pp.62-63. A partir desta nota, irei fazer referência a esta obra como PBGEM e o número da página.

Como objeto da enunciação, os becos são observados e amados. Em uma linguagem de elaborada naturalidade, vai sendo exposta a vida interna dos becos. Uma identidade sem ornamentos, pobre do beco contrasta com a beleza e leveza da estruturação poética.

*Beco da minha terra ...  
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.  
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.  
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.  
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,  
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,  
calçando de ouro a sandália velha,  
jogada no teu monturo.*

*Amo a prantina silenciosa no teu fio de água,  
descendo de quintais escusos  
sem pressa,  
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.  
Amo a avenca delicada que renasce  
na frincha de teus muros empenados,  
e a plantinha desvalida, de caule mole  
que se defende, viceja e floresce  
no agasalho de tua sombra úmida e calada.<sup>6</sup>*

Os três adjetivos fortes e independentes ligados à paisagem dão a ela uma conotação especial. O primeiro e o último adjetivo, “triste” e “suja”, refere-se à condição de miséria encontrada no beco, estendida a seus moradores em sentidos diferentes: reforçam a condição da miséria humana, física e a que implica em perda da dignidade. A condição *in extremis* do sujeito diante da vida. Ele caminha sempre em direção de sua autodestruição. A miséria nunca vem só, com ela vem à dor, o amadurecimento precoce, a doença, a humilhação e a morte. É por isso que nos becos tem “poesia e drama”, pois “versos não são sentimentos, mas experiências”,<sup>7</sup> presenciadas e/ou vivenciadas. Lembranças esquecidas na memória que brotam e são recriadas em palavras.

O segundo adjetivo, “ausente”, remete-se à temporalidade e à falta, à paisagem de outrora que não existe mais. Inconfundível com a do presente, mas em condições semelhantes de degradação humana, diante de uma realidade sórdida. A imagem passada está sempre intermediada pelo presente. Um presente que transcorre dentro de uma monotonia, dissipada de emoções palpitantes. São imagens pontuadas pelo sombrio, constante nas quatro primeiras estrofes. As seis últimas estrofes constam cenas de lembranças passadas, em ritmo mais acelerado, ações, acontecimentos e estórias.

O poema apresenta uma seqüência de cenas em movimento, de tensões, de paixões e de sensações paradoxais de vida. Primeiro são as impressões visuais, um olhar decorativo que embeleza e que ornamenta os monturos com palavras em que o escuro é momentaneamente modificado por uma claridade dourada, fugidia e alcança uma beleza fugaz. Esta define-se pelo ângulo daquele que a observa. O olhar contemplativo, imprimido de sensibilidade muda não à consistência, mas a aparência da forma. A temporalidade provoca o fazer e o desfazer da beleza: apenas ao meio-dia uma réstia de

---

<sup>5</sup> PBGEM, pp. 61-62.

<sup>6</sup> PBGEM, pp. 61-62..

<sup>7</sup> São palavras de Rilke, citadas por Maurice Blanchot ao comentar sobre o processo de criação. A poesia (a arte) implica em uma experiência. In: ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.46

sol semeia polmes dourados no lixo pobre do beco. Naquele momento, o lixo adquire um brilho especial, assim como os muros empenados ficam com outra aparência quando surge e floresce entre suas frinchas frágeis avencas. O fio de água, que, sem pressa, desce de quintais escusos e some por velhos canos. Há uma silenciosa harmonia de palavras que, agrupadas, criam o sentido de delicadeza que canta a pobreza dos becos.

Em processo gradativo, o olhar enunciativo prossegue descrevendo o espaço evocado. Sua atenção direciona-se para os burros-de-lenha, indicados próximos de si, sua serventia e o pouco cuidado a eles destinado. O range-range de suas cangalhas faz parte da infinidade de sons que compõem o cotidiano da pequena cidade. Depois, seu condutor, o menino lenheiro, maltrapilho “sem infância, sem idade”. Como se despertando da condição de *voyeur*, passa a refletir sobre a situação humana, social da criança, tão “pequeno para ser homem” e tão “forte para ser criança”. Justifica por não poder deixar de dizer aquilo que vê de errado: “Amo e canto com ternura/ todo o errado da minha terra”. A cidade de Goiás, em seu presente e em seu passado, carrega as marcas de seus erros. O pronome indefinido “todo” permite o desdobramento do presente para o passado, e como se atendesse a um chamado provocativo, o sujeito enunciativo desliga-se do presente e se reintegra ao passado. Nomeia todos os becos que serão objeto de seu lembrar. O poema passa a ter um ritmo mais intenso. Abandona o processo descritivo e assume o narrativo.

*Becos da minha terra,  
discriminados e humildes,  
lembrando passadas eras...*

*Beco do Cisco.  
Beco do Cotovelo.  
Beco do Antônio Gomes.  
Beco das Taquaras.  
Beco do Seminário.  
Bequinho da Escola.  
Beco do Ouro Fino.  
Beco da Cachoeira grande.  
Beco da Calabrote.  
Beco do Mingu.  
Beco da Vila Rica ...*



*Rua de Goiás. Minha terra  
Rua de... minha infância*

*Conto a estória dos becos,  
Dos becos da minha terra,  
Suspeitos ... mal-afamados  
Onde família de conceito não passava.  
"Lugar de gentinha" – diziam, virando a cara<sup>8</sup>*

A memória dá passagem para as lembranças de cenas públicas. Longe/perto do sobradão dos Vieiras do passado, em que tudo reluzia beleza, ostentação e luxo, encontravam-se outras formas de moradia, quarto de porta e janela. No lugar de moças cultas e bem comportadas estão a mulher perdida, as mulheres da vida. Sem glamour, resta-lhes o espaço da sombra, onde estão todos aqueles que vivem à margem de uma sociedade reguladora de conceitos e regras. A mulher perdida não encontra o caminho de volta ao convívio social com a “gente de bem”. Cada vez mais prossegue em direção à degradação humana.

<sup>8</sup> PBGEM, p. 62.

*Mulher-dama. Mulheres da vida,  
perdidas,  
começavam em boas casas, depois,  
baixavam pra o beco.  
Queriam alegria. Faziam bailaricos.  
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.  
O delegado-chefe de policia - brabeza -  
dava em cima...  
Mandavam sem dó, na peia.  
No dia seguinte, coitadas,  
cabeça raspada a navalha,  
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,  
na frente da Cadeia.<sup>9</sup>*

As mulheres perdidas na/da vida são presas pelas armadilhas da profissão mais antiga da sociedade: a prostituição, refugio humano que baixa nos “becos úmidos e pecaminosos”. Castigadas, humilhadas, golfando sangue, as mulheres perdidas dividem o mesmo espaço com “assombrações” nas “altas horas, mortas horas”. Expurgadas, baixam em todos os níveis, perdidas não se recuperam, apenas nas lembranças de uma velha anciã que, ao nomeá-las, fazem-nas renascer nas estórias dos becos mal-afamados onde há lugar cativo para os bailaricos, para a sina sifilítica, engalicada, amores ilícitos, prazeres rompidos de sensualidade, mas cheios de dramas. Os becos são lugares naturais dos resíduos sociais e sobrenaturais que povoam o imaginário popular. Sua gente do pote de água e pés no chão representa signos culturais de uma época. Românticos e pecaminosos pela imaginação e mistérios que suscitam.

Para reforçar a condição de drama vivido por mulheres perdidas, e a forma de relato enquanto lembrança, Cora Coralina utiliza-se de recorrências, acrescentando os vários designativos a elas empregados na linguagem prosaica. A mulher da vida é a meretriz venérea, a prostituta, mulher-dama. Elas fazem parte de uma paisagem do passado, compondo um cenário de diferenças sociais nítidas.

Michelle Perrot ao comentar sobre as mulheres na cena pública expõe a diferença de julgamentos entre a mulher e o homem públicos e a fragilidade da condição feminina. “O homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarnar a honra e a virtude. A mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria”.<sup>10</sup>

Os becos são lugares propícios para o abrigo das mulheres perdidas, pois neles são permitidos o que é rejeitado em outra esfera social. Elas são objetos descartáveis, suas existências têm significação enquanto o desejo não se realiza. Depois, a aplicação do castigo merecido para a sobrevivência de uma falsa moralidade, ordem e comportamentos comedidos. O executor, às vezes, pode ser o mesmo que há alguns momentos antes compartilhava o mesmo espaço de prazeres ilícitos.

A última estrofe de “Becos de Goiás” surpreende o leitor por seu conteúdo enunciado e a mudança no gênero empregado. Nas primeiras estrofes, o poema assume uma forma descritiva, em tempo presente, depois a mudança temporal registra sua volta ao passado e o eu-poético põe-se na condição de narradora de fatos passados. A mudança favorece o distanciamento e um certo despojamento da subjetividade. A última estrofe apresenta-se em forma de epílogo do último ato representado e não possibilita nenhuma aproximação com as imagens anteriores. “Cai o pano”. O poema é um diálogo

---

<sup>9</sup> PBGEM, p. 62.

<sup>10</sup> PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 7.

de gêneros, múltiplos personagens, com “bilhetes” de passagens para o repouso permanente. Adormecem e permanecem em linguagem criativa que encena a cena.

Cora Coralina percorre os becos da cidade de Goiás descrevendo-os, em forma de criação poética, como espaços marcados por acontecimentos históricos. Eles são as “Válvulas coronárias” da velha cidade. Sua preocupação está em recuperar matizes das experiências humanas e a multiplicidade de práticas sociais de que se compõe o espaço citadino, como costumes familiares, credices, a constituição de uma ordenação de espaços e normas sociais de comportamento. As vivências passadas guardadas na memória vão sendo construídas e desenhadas por uma escrita que reflete desejos de pontuar um tempo e fixá-lo. A intencionalidade da poética coralineana é registrar um espaço fértil em fatos e acontecimentos que marcaram uma época, sob a égide de um olhar que mesmo distanciado ainda está contaminado por uma emoção subjacente no enunciado. O real é transformado em matéria subjetiva. No ato de lembrar perpassa um universo de intenções e sensações, pois se compõe de uma imbricada e complexa natureza. Apesar do distanciamento, as lembranças são recriadas inspiradas nas emoções que transitam em um universo de afetividades.

Depois de descrever e narrar os becos mal-afamados, Cora dedica sua atenção ao Beco da Vila Rica e oferece-lhe o poema, “Do Beco da Vila Rica”. É um poema que se inicia afirmando a existência de um espaço com ruínas expostas.

*No beco da Vila Rica  
tem sempre uma galinha morta.  
Preta, amarela, pintada ou carijó.  
Que importa?  
Tem sempre uma galinha morta, de verdade.  
Espetacular, fedorenta.  
Apodrecendo ao deus-dará.  
No Beco da Vila Rica,  
ontem, hoje, amanhã,  
no século que vem,  
no milênio que vai chegar,  
terá sempre uma galinha morta, de verdade.  
Escandalosa, malcheirosa.  
Às vezes, subsidiariamente, também tem  
- um gato morto.  
No Beco da Vila Rica tem  
velhos monturos,  
coletivos, consolidados,  
onde crescem boninas perfumadas.<sup>11</sup>*

Há um acentuado caráter alegórico, no fragmento acima. As galinhas representam aquilo que precisa ser expurgado, que afeta os sentidos, olfativo, visual e causa desagradável horror. Elas são o que há de indesejável presente em todos os tempos: ontem, hoje, amanhã. Algo ruim que é rejeitado dentro do universo social, visto por todos. Não há como ignorá-las. A quem importa? A todos, o ruim, o estado de putrefação é percebido. Faz parte do cotidiano social. Um mal que se sobressai e escapa ao controle da ordem estabelecida. A galinha desfigurada e, subsidiariamente, o gato morto estão expostos ao deus-dará, nenhuma providência a ser tomada. É uma galinha de verdade, insiste, ela existe e causa o impacto da náusea. Mas é possível entre as ruínas coletivas surgir “boninas perfumadas”. Assim, no poema, os díspares se completam, o nefasto faz parte da existência e resiste mesmo sendo rejeitado. As galinhas acentuam as diferenças entre a natureza viva e a morta. A vida em sua

---

<sup>11</sup> PBGEM, p. 65.

condição paradoxal, seu caráter transitivo e finito; a morte sempre presente, mal cheirosa e escandalosa.

Desdobrando-se, o poema passa a nutrir-se de circunstâncias diversas, ilustrando costumes, casos que mais parecem lendas e que se misturam ao referencial e se constituem em fatos acontecidos, das grandes famílias com seus escravos, etiquetas rígidas e os burros-de-lenha.

*Goiás tinha costumes familiares.  
Normas sociais interessantes  
conservadas através de gerações.  
Hábitos familiares que se diluíram com o tempo,  
ligados aos becos e aos portões.<sup>12</sup>*

Um tempo antigo, uma volta às origens de Villa Boa de Goiás<sup>13</sup>.

*Beco da Vila Rica...  
Baliza da cidade,  
do tempo do ouro.  
Da era dos “polistas”,  
de botas, trabuco, gibão de couro.  
Dos escravos de sunga de tear, camisa de baeta,  
pulando o muro dos quintais,  
correndo pra o jeguedê e o batuque.<sup>14</sup>*

As imagens recriam um espaço de vivências e práticas sociais de indivíduos que se diferenciam pelas atividades e representatividade que exercem dentro da esfera social. A figura dos “polistas” impõe-se em uma hierarquia instituída, inicialmente pela aparência, acessórios que os cobrem, ainda pela finalidade, determinação, destemidos, de espírito aventureiro, em busca de riquezas que provocaram a constituição da vila e, depois, sua transformação em cidade, centro e referência de poder na estruturação político-econômica do estado de Goiás.

Para tanto, eram necessárias pessoas submetidas a seus mandos e cumprimento de ordens a gastos mínimos. Surgem, então, os escravizados com suas vestimentas inferiores e atitudes diferenciadas. Sem liberdade, cometem infrações que significam burlar normas estabelecidas de conduta, mesmo tendo como objetivo o fortalecimento de forças através dos cultos religiosos. Só a grandeza mística e transcendental seria possível mudar seus destinos, pois a ordenação das leis humanas não permitiria. Com a desordem, os escravos procuram uma outra ordem, a divina. Ao mesmo tempo, lutam pela preservação da tradição de seus ancestrais, com seus cultos e credices. Os “polistas” seguem os propósitos da cultura européia, espoliadora, escravizadora instituída de poder, dilapidando as riquezas naturais de terras não exploradas.

O poema “Do Beco da Vila Rica” compõe-se de trinta e seis estrofes com uma grande variedade de imagens, que, em idas e vindas, vão pontuando temas diversos. Depois de operar nos três tempos, passado, presente e futuro o eu-poético observa as mudanças identificadas pelo olhar de agora: os muros empenados, as reformas necessárias e não realizadas. Esse olhar que vagueia, repousa sobre a natureza orgânica do lixo, comparando os monturos com as úlceras de Jó, em uma intertextualidade bíblica.

*Velhos portões fechados.  
Muros sem regra, sem prumo nem aprumo.*

---

<sup>12</sup> PBGEM, p.70.

<sup>13</sup> A cidade de Goiás, em sua fundação, era chamada de Villa Boa de Goyás, posteriormente Goiás e com a mudança da capital para Goiânia passou a ser denominada Goiás Velho

<sup>14</sup> PBGEM, p. 65.

*(Reentra, salienta, cai, não cai,  
entorta, endireita,  
embarriga, reboja, corcoveia ...  
Cai não.  
Tem sapatas de pedras garantindo.)  
(...)  
Monturo:  
Espólio da economia da cidade.  
Badulaques:  
Sapatos velhos. Velhas bacias.  
Velhos potes, panelas, balaços, gamelas,  
e outras furadas serventias  
vêm dar ali.  
(...)  
Monturo...  
Faz lembrar a Bíblia:  
Jó, raspando suas úlceras,  
Jó, ouvindo a exortação dos amigos.  
Jó, clamando e reclamando do seu Deus.  
As mulheres de Jó,  
as filhas de Jó,  
gandaíam coisinhas, pobrezas,  
nos monturos do Beco da Vila Rica.<sup>15</sup>*

Por ser a “baliza da cidade”, o Beco da Vila Rica se condensa de todos os aspectos, de todas as histórias que se incorporam no cotidiano da cidade. Contrariamente ao nome, Vila Rica, lá estão depositados os monturos, com seus objetos em estados abjetos: os sapatos carcomidos pelo sol e pela chuva, os utensílios de lides domésticas, etc. O lixo expõe intimidades das famílias ali residentes e que não têm mais serventia.

As imagens do beco refletem sua história. Os muros empenados não desabam pela solidez da construção antiga, com suas sapatas de pedras; são testemunhas de entradas e saídas das recatadas moças da cidade, ainda conservam suas chaves que são verdadeiras relíquias, requisitadas pelos turistas, devido seu formato diferenciado das de hoje que mais parecem miniaturas perto dos grandes chavões de antigamente.

As recorrências dos monturos sempre entremeando outros temas, possibilitam ao leitor a sensação de que é necessário lembrar do Beco da Vila Rica de uma forma antitética ao nome que carrega. Identificar, de forma constante, a presença do indesejável entre o que se considera saudável.

Em uma intertextualidade bíblica, o poema faz alusão comparativa entre os monturos e as úlceras de Jó. Essa personagem bíblica tem sua vida transformada em miséria, como, forma de testar sua fé. Ao *in extremis* da pobreza material e humana, Jó direciona-se a Deus para reclamar e clamar uma explicação para tanta expiação. Deus reconhece a fé e devolve-lhe em proporções dobradas a riqueza material perdida e a tranquilidade espiritual. O estado de penúria de Jó havia se estendido a sua família, todos foram contemplados com as graças divinas. No poema, os monturos representam a miséria humana existente em todos os tempos e lugares, carecendo de que a mão de Deus repouse sobre elas, mas, para isso, é necessário que o ser humano seja merecedor, assim como Jó o foi. Enquanto isso o Beco da Vila Rica vai deixando expostos seus monturos e também suas boninas.

Os becos são fontes inesgotáveis de recordações, janelas abertas para o passado, por onde saltam incontáveis lembranças que percorrem, sobretudo, a infância. Ao

---

<sup>15</sup> PBGEM, pp. 66-67.

dedicar poemas ao Beco da Escola está dedicando também a inesquecível mestra que lhe possibilitou a entrada no reino das palavras para que pudesse, em um futuro longínquo, entrar no velho reino de Goiás onde estão encravadas suas memórias. As lembranças deslizam como as águas do rio Vermelho, escorrendo, sempre, antes com espumas de sabão do esfrega-esfrega das velhas-novas lavadeiras do rio Vermelho, depois, num presente próximo, águas escuras-claras com detritos que passam embaixo da ponte. Sua memória é uma retentora de imagens que transgridem o tempo. As imagens do presente impelem as imagens do passado que são desencadeadas pelo tempo de recordar. O passado e o presente, a todo instante, se entrecruzam, ora comparativamente, ora mencionado como preservação da memória e de história de vidas públicas.

No poema “O Beco da Escola”, o diminutivo é utilizado como uma forma carinhosa de apalpar o abstrato tempo escolar de outrora. O lúdico do universo infantil se estampa saudosamente.

*Um corricho de passagem,  
um dos muitos vasos comunicantes  
onde circula a vida humilde da cidade.  
Um bequinho de brinquedo, miudinho.  
Chamado no meu tempo de menina  
- Beco da Escola.*

*Uma braça de largura, mal medida.  
Cinqüenta metros de comprido ... avaliado.  
Bem alinhado. Direitinho.  
Beco da Escola...  
Escola de velhos tempos.  
Tempos de velhas mestras.  
Mestra Lili, Mestra Silvina, Mestra Inhola.  
Outras mais, esuecidas mestras de Goiás.*

*Mestra Lili... o seu perfil:  
Miudinha, magrinha.  
Boa sobretudo. Força moral.  
Energia concentrada. Espírito forte.  
O hábito de ensinar, ralhar, levantar a palmatória,  
afeiçoara-lhe o conjunto enérgico, varonil.<sup>16</sup>*

O beco da Escola é mais um dos “vasos comunicantes” que faz parte de uma estrutura corpórea onde pululam vidas, lugar no qual sempre transita o povo humilde. É um beco popular, e sua medida é feita, na largura, de forma prática, no comprimento, o metro formal. Parece que pode ser colocado na palma da mão, em forma de miniatura. O processo descritivo utilizado perde a objetividade e adquire uma forma especial guiada pela subjetividade da emoção e do carinho que a recordação suscita, por parte de quem o descreve. O tom às vezes parece corresponder / assemelhar ao que está sendo narrado. A Mestra Lili, de miudinha, sua figura vai crescendo e tomando formas finais enérgicas e fortes. O ensino é regido por hábitos e costumes antigos e severos, como tudo naquele tempo.

*A escola da mestra Lili  
era mesmo naquela esquina  
Casa velha – ainda hoje a casa é velha.  
Janelas abertas para o beco.  
Sala grande. A mesa da mestra.*

---

<sup>16</sup> PBGEM, p.75.

*Bancos compridos, sem encosto.  
Mesa enorme dos meninos escreverem  
lições de escrita.<sup>17</sup>*

Em posição de quem olha para descrever, o eu-lírico utiliza o demonstrativo que assume duas atribuições ao ser mencionado: a de apontar a existência da casa velha no passado e reforçado pelo verbo ser no tempo pretérito e a de indicar sua ausência, num jogo de imagens e tempo. O eu-lírico, ao mesmo tempo em que se refere ao passado, afirma “ainda hoje a casa é velha”. A imagem que se presentifica não é a casa no presente, mas a casa da lembrança, que continua velha ainda hoje no presente de suas recordações. Em processo idêntico ao exterior, a casa se abre por inteiro e seu interior é percorrido pelo olhar da anciã que a viu e a frequentou na infância e agora a revê na velhice, refazendo um cotidiano do passado. São cenas de outrora descritas no calor da saudade. A sabedoria popular diz que lembrar o passado é vivê-lo novamente. As imagens tomam a aparência do agora, do instante do olhar. A plasticidade da descrição interior vem de forma antinômica com a do exterior: pessoa e as coisas vão tomando proporções de grandeza, desde a figura miudinha da Mestra Lili até o alongamento dos bancos, mesa e sala.

O amor engrandece e/ou torna pequeno as pessoas ou os objetos amados. As vozes do passado se transformam em ecos no presente, por uma escrita que finge eternizar momentos vividos, como se o eu do presente apenas descrevesse imagens contaminadas pela saudade do passado, mas intocáveis na aparência que suscitavam na pequena e frágil Aninha de outrora.

*De ruas distantes a gente ouvia,  
quartas e sábados, cantada em alto coro  
a velha taboada.<sup>18</sup>*

A tabuada decorada, ensino antigo, castigos severos e a presença ameaçadora da palmatória, tudo se transforma em unísono som musical: coro. As vozes infantis deixam de ter o som nervoso provocado pelo medo de erro da “velha taboada” e tornam coloridas e alegres. Instalam: uma rotina: às quartas e aos sábados.

As lembranças tornam-se imagens nítidas das pessoas e das coisas ausentes, mas há uma mudança no tom das imagens na nona estrofe.

*O Beco da Escola é uma transição.  
Um lapso urbanístico  
Entre a Vila Rica e a Rua do Carmo.  
Tem janelas.  
Uma casinha triste de degraus.  
Velhos portões fechados, carcomidos.  
Lixo pobre.  
Aqui, ali, amparadas no muro,  
Um as aventureiras e interessantes flores de monturo.<sup>19</sup>*

O presente surge entremeio as lembranças do passado e o beco tem a aparência de abandono e de decadência, possibilitada pela mudança do tempo nos tempos. Ele é mencionado como um espaço, cuja existência não foi programada. Nele há uma casinha triste que abriga em sua história os vultos do passado e está envelhecida e carcomida. A

---

<sup>17</sup> PBGEM, p. 75.

<sup>18</sup> PBGEM, p.76.

<sup>19</sup> PBGEM, p. 76.

única expressão de vida se encontra nas flores dos monturos. Talvez por isso ganhem os adjetivos de aventureiras e interessantes. Entre a imagem de decadência e melancolia, elas se espalham, saltitantes e amparadas.

O beco favorece lembrança das esquecidas mestras; o processo antinômico ressalta a importância da escrita entre o lembrar e o esquecer. As possibilidades de recuperação de algo que poderia se perder entre tantas outras perdas.

*O Bequinho da Escola  
Lembra mestra Lili  
Lembra mestra Inhola.*

*Esquecidas mestras de Goiás.  
Elas todas – donzelas,  
sem as emoções da juventude.  
Passavam a mocidade esquecidas de casamento,  
atarefadas com crianças.  
Ensinando o bê-a-bá às gerações.<sup>20</sup>*

A intencionalidade da escrita não se resume em fixar um despertar de lembranças, provocadas pelo referente, mas de registrar o esquecimento coletivo de pessoas que dedicaram a existência em uma função social: educar gerações e gerações, e, mais, o caráter do ensino concebido como um sacerdócio. Ser mestra implicava em preservar-se dos desejos, celibatária e assexuada. A escrita assume sua função de não deixar “... que o Tempo passe tudo a raso.”

Às mulheres do início do século XX não era permitido fazer isso e aquilo, mas isso ou aquilo. A educação rígida preparava a mulher para o lar. Na família sempre tinha uma mulher que deveria se abdicar de seus desejos mais íntimos para cuidar da casa e dos pais na velhice. São exemplos os poemas.

É interessante observar que a escrita coralineana constrói e desconstrói intenções. Por momentos, ela reconstitui imagens da infância escolar, depois registra para a preservação da memória coletiva, ainda enquanto escrita lúdica.

*O Bequinho da Escola brinca de responder.  
Corre da Vila Rica – espia a rua do Carmo.  
É um dos mais singulares e autênticos becos de Goiás.  
Tem a marca indisfarçada dos séculos  
e a pátina escura do Tempo.  
Beco recomendado a quem busca o Passado.  
Recomendado – sobretudo –  
aos poetas existencialistas,  
pintores, a frei Nazareno.  
Tem portões vestidos de velhice. Tem bueiro.  
Tem muros encarquilhados,  
rebuçadinhos de telhas.  
São de velhas donas credenciadas  
de velhas descendências  
- guerreiros do Paraguai.  
Bem estreito e sujo  
como compete a um beco genuíno  
Esquecido e abandonado,  
no destino resumido dos becos  
no desamor da gente da cidade.<sup>21</sup>*

---

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> PBGEM, pp.76-77.

O beco personificado, diminuto e infantil brinca como criança. No entanto, ele é velhíssimo e traz marcas seculares. Sua cor e sua vestimenta têm aparência do tempo que representa. O eu-lírico prescreve o beco a todos aqueles que simbolicamente buscam o passado e o tempo: a poetas, a pintores a frei Nazareno. Explorando o valor denotativo do vocábulo beco, alerta quanto a sua importância enquanto objeto histórico, lugar onde foi abrigo de pessoas cujas descendências contribuíram na luta em favor da pátria. O beco da escola é um beco legítimo e seu fim é o esperado, como o de todos os becos, sem cuidados e no esquecimento. O tempo presente proporciona outros valores aos homens, o beco representa “um lapso urbanístico”.

O eu-lírico inconformado com a possibilidade de esquecimento e extinção do beco, conclama aos artistas sua transformação em objeto estético. A arte apreende o essencial e o imperceptível aos olhares cotidianos e perdura a existência das imagens. Seja ela representante de qualquer corrente estética, desde as que se dedicam às coisas do espírito como aquelas que se voltam para a objetividade, havendo matéria de inspiração para todas as sensibilidades. A arte, para Cora Coralina, deve assumir a condição de memória e história.

*Poetas e pintores  
românticos, surrealistas, concretistas, cubistas,  
eu vos conclamo.  
Vinde todos cantar, rimar em versos,  
bizarros coloridos,  
os becos da minha terra.  
(...)  
De noite ... noite de quarto,  
A cidade vazia se recolhe  
Num silêncio avaro, severo.  
Horas antigas do passado  
- Concentração.  
Almas penadas doutro mundo.  
Procissão das almas<sup>22</sup>  
Vai saindo da porta fechada das igrejas.  
Vem vindo pelas ruas.  
Desaparecem pelas esquinas.  
  
Responsam pelos becos.  
  
Altas viagens: assombração...  
O diabo no corpo ...  
Lobisomem...  
Simbolismo dos velhos avatares.<sup>23</sup>*

Entre elipse, arcaísmos e coloquialismo, o eu-lírico apresenta a outra face do beco, ligada ao sobrenatural, ao místico e ao folclore. Entre os encantamentos da noite de quarto crescente, tudo é possível de ser visto/ouvido. Os becos seculares concentram histórias e credices populares que fazem parte de seu universo: entre os vivos e os mortos está o imaginário popular. O eu-lírico é a guardiã dessa memória coletiva e quer compartilhá-la com as outras manifestações artísticas, mesmo que sejam elas de outras formas de expressão.

---

<sup>22</sup> Cora Coralina tem o conto “Procissão das almas” em seu livro *Estórias da casa velha da ponte*. Nele ela faz referência à procissão das almas como um acontecimento folclórico também utilizado ficcionalmente por outros escritores goianos e dá ao seu conto um caráter de escrita de gênero fantástico.

<sup>23</sup> PBGEM, 77.

Entre a cidade, recuperada pela memória, e a cidade, que se apresenta no presente da escrita, há mudanças tempo deixa suas marcas através das ações humanas. Em “Mutações” o eu-lírico observa essas mudanças sob uma perspectiva irônica.

*Muita rua da cidade  
mudou de nome.  
Ritintin – mudou de nome.  
Rua Nova – mudou de nome.  
Detraz da Abadia também.  
Beco virou travessa.  
Outras, nem nome têm.  
Rua do Fogo se apagou,  
nas velas não se toca.  
Beco da morte é pecado.  
Do Cotovelo é suspeito.  
Rua Joaquim Rodrigues  
virou 13 de maio,  
passou pra Joaquim de Bastos.  
Não sei onde vai parar  
Tanta mudança de nome.<sup>24</sup>*

As modificações operadas pelo tempo indicam concepção de valores alterados. As palavras também passam a ter outra significação. Há uma procura de modernização dos sentidos quando se muda de “beco” para “travessa”. É interessante observar que apesar de darem outros designativos aos becos, eles sempre serão lembrados por aquilo que foram. Esse resgate se dá de forma oral e escrita. Haverá sempre alguém que dará seu testemunho de como aquele lugar foi outrora. Esse é o papel que assume a escrita coralineana, de “assinar e escrever os autos do Passado”. A cidade se constitui como uma estrutura documentada. As alterações são justificadas administrativamente nos relatórios públicos. Toda a vez que se modifica algo na estrutura cidadina deve haver um documento que registre o fato, pois isso implica em gastos públicos que precisam ser justificados. A crítica aos atos público-administrativos, preocupados com a aparência, sobressai nos versos abaixo, assim como o descaso com a pobreza do Beco da Vila Rica.

*Mudar nome de rua é fácil.  
Mudar jeito de rua, não.  
Dar calçamento e limpeza  
É coisa muito impossível.*

*Só não mudou nome em Goiás  
O Beco da Vila Rica.  
Por ser muito pobre e sujo  
contrário lhe assenta o nome.  
Se há de ser beco do sujo pobre  
seja mesmo da Vila Rica  
com toda a sua pobreza.<sup>25</sup>*

Difícil é dar melhores condições de sobrevivência àqueles que são menos favorecidos, começando por ações básicas, como calçamento e limpeza. Ele atravessa o tempo com suas ruínas, pois a pobreza que se concentra nas ruas sujas também se aloja no interior de suas residências. O Beco da Vila Rica é o lugar do sujo pobre. A pobreza parece estar sempre vinculada a sujeira, mesmo sendo de naturezas distintas. Com

---

<sup>24</sup> VBG, p.19.

<sup>25</sup> VBG, p.19.

apurado senso crítico, o eu-lírico aponta a ineficiência daqueles que ocupam e se ocuparam da administração pública de Goiás em relação ao beco. Em um jogo de palavras, verificando que o nome do beco é contraditório ao que representa, o eu-lírico conclui que é melhor que permaneça desta forma, pois pelo menos no nome que carrega, o beco do sujeito pobre tem riqueza.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI Júnior, Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BACHELAR, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Alfredo. *Ser e o tempo na poesia*. 6. ed. São Paulo: Cia da Letras, 2000.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASSIMIRO, Maria do Rosário. Cora, doutora feita pela vida. In: Coralina. Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. 6.ed. São Paulo: Global, 1997.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989
- \_\_\_\_\_. *Villa Boa de Goyaz*. São Paulo: Global, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. 6. ed. São Paulo: Global, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Estórias da Casa Velha da Ponte*. 11. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. Essa mulher admirável.... In: Coralina. Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. 6.ed. São Paulo: Global, 1997.
- DELGADO, Andréia Ferreira. *Cora Coralina e a invenção de si*. In: XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS – GRUPO DE TRABALHO: BIOGRAFIA E MEMÓRIA SOCIAL, 1999.
- FERNANDES, José. *Dimensões da literatura goiana*. Goiânia: Gráfica de Goiás – CERNE, 1992.
- HAMBURGER, Käte. *A lógica da criação literária*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MARQUES, Oswaldino. *Acoplagem no espaço: críticas literárias*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

VELLASCO, Marlene Gomes. *A poética da reminiscência: estudos sobre Cora Coralina*. 1990. 135 p. Dissertação (Mestrado em Letras). ICHL. Departamento de Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás, Goiânia.